

# Studio Dries Verhoeven

## *Guilty Landscapes: Episode I Hangzhou*

Convido-vos a ler dois fragmentos de “Relativamente à dor dos outros” de Susan Sontag (2002). Não devem ser lidos como uma explicação, mas como pensamentos existentes na periferia da obra, escritos muito antes de a Internet ter tomado conta dos nossos serviços noticiosos.

*Dries Verhoeven*

→ p. 90-93

Parados em frente a pequenos ecrãs – televisão, computador, PDA – podemos navegar por imagens e breves relatos de catástrofes em todo o mundo. Parece que existe uma maior quantidade de notícias deste género do que anteriormente. Isto é provavelmente uma ilusão. Acontece simplesmente que a difusão de notícias está “em todo o lado” E os sofrimentos de algumas pessoas têm muito mais interesse intrínseco para um público (dado que o sofrimento deve ser reconhecido como tendo um público) do que os sofrimentos de outros. O facto de notícias sobre a guerra serem agora divulgadas em todo o mundo não significa que a capacidade de pensar sobre o sofrimento de pessoas distantes seja significativamente maior. Numa vida moderna – uma vida onde há um supérfluo de coisas às quais somos convidados a prestar atenção – parece normal afastarmo-nos de imagens que simplesmente nos fazem sentir mal. Muitos mais mudariam de canal se os meios de comunicação social dedicassem mais tempo aos pormenores do sofrimento humano causado pela guerra e outras infâmias. Mas provavelmente não é verdade que as pessoas estejam a reagir menos.

O facto de não estarmos totalmente transformados, de podermos virar as costas, virar a página, mudar de canal, não põe em causa o valor ético de uma agressão por imagens. Não é um defeito o facto de não estarmos escaldados, o facto de não sofrermos o suficiente, quando vemos estas imagens. Nem é suposto a fotografia reparar a nossa ignorância sobre a história e as causas do sofrimento que ela escolhe e enquadra. Tais imagens não podem ser mais do que um convite para prestar atenção, refletir, aprender, examinar as racionalizações para o sofrimento em massa oferecidas pelos poderes estabelecidos. Quem causou o que a fotografia mostra? Quem é responsável? É desculpável? Foi inevitável? Haverá algum estado de coisas que tenhamos aceite até agora e que deva ser contestado? Tudo isto, com o entendimento de que a indignação moral, tal como a compaixão, não pode ditar um curso de ação.



MAKE  
GROW  
GROW

A frustração de não poder fazer nada em relação ao que as imagens mostram pode traduzir-se numa acusação de indecência ao ver tais imagens, ou as indecências da forma como tais imagens são divulgadas – acompanhadas, como podem muito bem ser, por publicidade a emolientes, analgésicos e SUV. Se pudéssemos fazer alguma coisa em relação ao que as imagens mostram, talvez não nos preocupássemos tanto com estas questões.

As imagens têm sido censuradas por serem uma forma de observar o sofrimento à distância, como se houvesse outra forma de observar. Mas observar de perto – sem a mediação de uma imagem – continua a ser apenas observar.

Algumas das censuras feitas às imagens de atrocidade não são diferentes das caracterizações da própria visão. A visão não requer esforço; a visão requer distância espacial; a visão pode ser desligada (temos pálpebras nos olhos, não temos portas nos nossos ouvidos). As mesmas qualidades que faziam com que os antigos filósofos gregos considerassem a visão o mais excelente, o mais nobre dos sentidos, estão agora associadas a um défice.

Sente-se que há algo de moralmente errado com a abstração da realidade oferecida pela fotografia; que ninguém tem o direito de experimentar o sofrimento dos outros à distância, desprovido da sua força bruta; que pagamos um preço humano (ou moral) demasiado elevado por essas qualidades de visão até agora admiradas – o afastamento da agressividade do mundo que nos liberta para a observação e para a atenção seletiva. No entanto, isto serve apenas para descrever a função da própria mente.

Não há nada de errado em parar e pensar. Parafraseando diversos sábios: “Ninguém consegue pensar e bater em alguém ao mesmo tempo.”

→ p. 80-81

(...) As pessoas não se habitam ao que lhes é mostrado – se é que essa é a forma correta de descrever o que acontece – devido à quantidade de imagens que são despejadas sobre elas. É a passividade que enfraquece o sentimento. Os estados descritos como apatia, anestesia moral ou emocional, estão repletos de sentimentos; os sentimentos são raiva e frustração. Mas se considerarmos quais as emoções que seriam desejáveis, parece demasiado simples eleger a simpatia. A proximidade imaginária do sofrimento infligido aos outros que é concedida pelas imagens sugere uma ligação entre os sofrendores distantes – vistos de perto no ecrã da televisão – e o espetador privilegiado que é simplesmente falsa, que é apenas mais uma mistificação das nossas relações reais com o poder. Enquanto sentirmos simpatia, sentimos que não somos cúmplices do que causou o sofrimento. A nossa simpatia proclama a nossa inocência, bem como a nossa impotência. Nessa dimensão, pode ser (para todas as nossas boas intenções) uma resposta impertinente – se não mesmo inadequada. Deixar de lado a simpatia que estendemos aos outros atingidos pela guerra e pela política assassina para refletir sobre a forma como os nossos privilégios se situam no mesmo mapa que os seus sofrimentos, e que podem – de formas que preferimos não imaginar – estar ligadas aos seus sofrimentos, tal como a riqueza de uns pode implicar a destituição de outros, é uma tarefa para a qual as imagens dolorosas e comoventes fornecem apenas uma falsa inicial.